

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

19 de Setembro de 2020

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS (parte II): A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE

MACUNAÍMA / 1969

Um filme de Joaquim Pedro de Andrade

Argumento: Joaquim Pedro de Andrade, baseado no romance (“rapsódia”) homónimo de Mário de Andrade (1928) / *Diretor de fotografia* (35 mm, cor): Guido Cosulich / *Cenários e figurinos:* Anísio Teixeira / *Música:* trechos de Johann Strauss (“O Danúbio Azul”), Heitor Villa-Lobos (“Canto aos Heróis do Brasil” e “Bachiana Brasileira nº 8”) e de diversas canções brasileiras / *Montagem:* Eduardo Escorel / *Som:* Juarez Dagoberto Costa, Walter Goulart / *Interpretação:* Grande Otelo (*Macunaíma negro e o filho de Macunaíma*), Paulo José (*Macunaíma branco, a mãe de Macunaíma e o príncipe encantado*), Milton Gonçalves (*Jiguê, o irmão negro de Macunaíma*), Dina Sfat (*Ci, a guerrilheira*), Rodolfo Arena (*Maanape, o irmão branco de Macunaíma*), Jardel Filho (*Venceslau Pietro Pietra*), Joana Fomm (*Sofará*), Maria Lúcia Dahl (*a sereia*), Maria do Rosário (*Iriqui*), Wilza Carla (*a mulher gorda*), Hugo Carvana (*o homem que vende o pato a Macunaíma*), Rafael de Carvalho (*Caipora, o ente que quer comer Macunaíma*), Tite de Lemos (*narração*).

Produção: Filmes do Serro, Grupo Filmes e Condor Filmes (Rio de Janeiro) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm / *Duração:* 108 minutos / *Estreia Mundial:* Festival de Veneza, 2 de Setembro de 1969 / *Inédito comercialmente em Portugal, onde foi apresentado pela primeira vez a 23 de Março de 1971, no âmbito do I Festival de Cinema Brasileiro. Primeira apresentação na Cinemateca a 14 de Julho de 1998, no âmbito do ciclo “Cem Anos de Cinema Brasileiro”.*

O Cinema Novo brasileiro existiu, *grosso modo*, de 1960 a 1972 e introduziu no Brasil o cinema de autor e o cinema moderno, que são noções, por sinal, muito próximas. **Macunaíma**, um dos filmes mais célebres do Cinema Novo, paradoxalmente, também é dos menos típicos, por ser uma comédia e por ter sido o único a alcançar êxito de público, o que causou algum ciúme e até repreensões (“*o único êxito de bilheteira do Cinema Novo, Macunaíma, era uma comédia*”, escreveu, de nariz torcido, o neo-estalinista Jean-Claude Bernadet, no rústico livro intitulado *Quinze Ans de Cinéma Mondial*, coordenado por Guy Hennebelle). O filme surge na fase final do Cinema Novo, quando os cineastas enveredavam pelas alegorias, usando sistematicamente cores berrantes, para criar uma estética “tropical”. Uma das razões do uso de narrativas alegóricas a partir de certo ponto foi a ferocíssima repressão que se abateu sobre o Brasil depois do golpe de Estado de Dezembro de 1968, que levaria alguns dos cineastas do Cinema Novo à prisão momentânea (o próprio Joaquim Pedro de Andrade) ou ao exílio. Ora, embora pouco típico do Cinema Novo, **Macunaíma** também é muito típico desta fase, pois é uma alegoria e usa cores berrantes, levando ao extremo uma estética de deliberado *kitsch*, mas o realizador o faz com um talento que poucos dos seus colegas tinham e com um humor que nunca passaria pela cabeça deles, à exceção de Nelson Pereira dos Santos, que, devido ao “*exemplo libertador*” de **Macunaíma** (foram estas as suas palavras), faria duas alegorias bem sucedidas, **Azyllo Muito Louco** e **Como era Gostoso o meu Francês**.

Mas se **Macunaíma** é inegavelmente uma divertida comédia, este é apenas um dos aspectos do filme. Trata-se, nem mais nem menos, de um retrato de todo o Brasil, dos começos na selva aos dias contemporâneos, através de uma reflexão e uma representação sobre a sua cultura e a sua sociedade. O filme adapta o romance homónimo (que o autor designou como uma *rapsódia* e não um romance) do escritor modernista Mário de Andrade, publicado em 1928, um livro ambicioso e de difícil leitura, por ser escrito numa língua deliberada e totalmente artificial. Mas o adapta de forma tão livre que alguns acusaram o realizador de ter “*saltado sobre o dorso do autor indefeso*” (Mário de Andrade morreu em 1945). Joaquim Pedro de Andrade guardou os nomes dos personagens e a linha narrativa

do livro: Macunaíma, “herói sem nenhum caráter” (isto é, totalmente amoral), nasce negro numa tribo de índios; até à idade de seis anos, só sabia dizer uma coisa: “*ai, que preguiça!*”; fica branco por milagre e não fica pouco satisfeito com este milagre; emigra para a cidade e acaba por voltar à selva, onde é devorado por uma sereia. Esta simples linha narrativa já é uma alegoria suficientemente clara. Mas Joaquim Pedro de Andrade relê o livro através de outro escritor, Oswald de Andrade (altamente cosmopolita, contrariamente ao autor do romance, de quem foi amigo, antes de se tornar adversário), que preconizava a antropofagia como metáfora cultural: assim como os índios canibais devoravam o inimigo de valor para absorver-lhe a coragem, desprezando os covardes, que matavam mas não comiam, devia-se devorar a cultura alheia, para absorvê-la e fazê-la sua. Joaquim Pedro de Andrade teve exatamente esta atitude em relação ao livro que adaptou e por isso fez um filme perfeitamente atual em 1969, observando numa nota distribuída no Festival de Veneza (citada aqui a partir da tradução francesa): *“as relações sociais, políticas e económicas ainda são essencialmente antropofágicas. Quem pode, devora o outro, diretamente ou através de um produto intermediário. (...) Os novos heróis, em busca de uma consciência coletiva, partem para devorar aquilo que até agora os devorava, mas ainda são demasiado fracos. A esquerda, enquanto é devorada pela direita, prepara-se e purifica-se através da autofagia, o canibalismo dos fracos. (...) Entretanto, vorazmente, o Brasil devora os brasileiros. Macunaíma é a história de um brasileiro devorado pelo Brasil”*.

Uma observação tão séria não parece anunciar um filme tão divertido e esfuziante, que vai buscar elementos numa tradição grotesca e carnavalesca e nas comédias com números musicais do cinema brasileiro dos anos 50, as *chanchadas*, de que Grande Otelo, que faz o papel de Macunaíma negro e do filho de Macunaíma, foi uma das vedetas. A *chanchada* é um género bastante medíocre, mas trata-se inegavelmente da única tradição cinematográfica brasileira. Joaquim Pedro de Andrade “devorou” a *chanchada* para fazer a partir dela uma coisa muito diferente. Com a transformação do mau gosto num elemento de representação e de crítica, o cineasta aborda através das aventuras de Macunaíma vários elementos contemporâneos: a aventura das drogas (um cigarro que transforma Macunaíma num “*príncipe lindo*”) e do *peace and love* (veja-se a camisa e os colares do protagonista em dado momento); a guerrilha urbana, então uma violenta atualidade no Brasil (e a guerrilheira morre por incompetência); as fantasias de consumo (o gigantesco jacaré num pólo do protagonista e todas as tralhas que a família Macunaíma leva consigo quando volta para a selva); a desconexa ideologia vitoriosa das classes conservadoras (“*pela mortalidade dos nossos filhos e pela fidelidade das nossas mulheres!*”, clama um orador que Macunaíma apeia do pedestal); as relações de classe, com um gigante capitalista chamado Venceslau Pietro Pietra e a chegada de Macunaíma e os seus irmãos à cidade num camião que transporta mão-de-obra imigrada (“*agora, é cada um por si e Deus contra!*”, previne o condutor, terrível frase retomada por Werner Herzog no título original de **O Enigma de Kaspar Hauser: Jeder für sich und Gott gegen alle**). A banda sonora é extremamente rica. O filme começa e termina com uma canção patriótica, num comentário irónico e o uso da música como comentário se desdobra na presença de diversas canções, que multiplicam o sentido das cenas. Uma das razões do êxito de **Macunaíma** à época (no Brasil, no Festival de Veneza, no circuito de *art et essai* europeu) foi a surpresa que causava aos espectadores. Ninguém esperava aquela história, ninguém esperava aquelas imagens e a imaginação do realizador parecia não esmorecer durante uma hora e quarenta e cinco minutos de cinema. Cinquenta anos depois, o efeito permanece, a surpresa permanece, permanecem as ricas hipóteses de análise oferecidas pelo filme, como permanece vivo o simples e indispensável deleite de ver a história que nos é contada.

Antonio Rodrigues